

Suplemento Cultural

O livro “Mace: um legado para a Educação de MS – 50 Anos de História” e a saga de uma família predestinada

Rubenio Marcelo – poeta
escritor e ensaísta, membro da
Academia Sul-Mato-Grossense
de Letras

Honrado e grato, recebi e li o livro “Mace: um legado para a Educação de Mato Grosso do Sul – 50 Anos de História”, da autoria de Therezinha dos Santos Samways e Pedro Chaves dos Santos Filho, este confrade da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. A obra – que é catalogação recente da Série Banco de Memórias / IHGMS –, tem a chancela da Ed. Life, e traz consistente apresentação do professor Eronildo Barbosa da Silva e um prefácio magnífico do poeta Geraldo Ramon Pereira, também membro da ASL, que foi professor da Mace e é amigo de longa data da família Chaves dos Santos.

Neste seu tocante prefácio, intitulado “A impressionante história de uma família predestinada”, Geraldo assim resume: “Saga cinematográfica narrada em livro espetacular. (...) Contrariando o que rotineiramente é feito (um *best seller* pode ser adaptado em filme), este livro passou-me a impressão de que ele próprio já seria um belo filme, prestes a ser projetado no âmago da sensibilidade de cada leitor, ou espectador, dada a riqueza de detalhes e dinâmica policromática dos cenários e cenas, todas impregnadas de mensagens e exemplos inteligentes para se conduzir bem a vida. Tal percepção, no entanto, não me tole também a convicção de que esta excepcional história familiar serviria de tema para um comovente filme real, de grande sucesso!”.

Sim, certamente, ao tempo em que resgata o percurso marcante de uma instituição de ensino (das mais importantes do país), o livro “Mace: um legado para a Educação de Mato Grosso do Sul...” notabiliza a trajetória exemplar e vitoriosa de uma família que, com honradez, determinação, dedicação ao trabalho, e edificando virtudes, construiu – e continua construindo – sua história, qual fecunda lição de vida que merece ser celebrada sempre. História que se inicia com a chegada, a Ponta Porã, do casal migrante: José Chaves dos Santos e Maria Chaves dos Santos, avós dos autores, que, procedentes do Líbano,



Obra que registra a sagacidade e sucesso da família Chaves dos Santos, em moderno empreendimento educacional (a ser brevemente lançada – Editora Life)

‘acalentavam a esperança de um novo eldorado em terras brasileiras’. A saga segue com o casal Pedro Chaves dos Santos (filho do sr. José Chaves) e sra. Joana Mendes dos Santos, pais de: Plínio, Henrique, Maria, Elzira, Therezinha (coautora do livro), Pedro (coautor do livro) e Paulo, que desde cedo foram instruídos no sentido de uma educação de excelência. No final da década de 1950 (e início de 60), todos estes já tinham profissão, sendo que Plínio e Therezinha lecionavam em várias escolas de Campo Grande e, seguidos posteriormente por Pedro, formaram com este os renomados “três irmãos da matemática”, que idealizaram e fundaram, em 1969, a Moderna Associação Campo-Grandense de Ensino, com início do ano letivo em 1970. Com arrojadas iniciativas e rápido crescimento, superando expectativas, a Mace já contava com cerca de mil e duzentas matrículas em 1971,

ano em que acontece o matrimônio do professor Pedro Chaves dos Santos Filho com a educadora Reni Domingos dos Santos, que desde os primeiros instantes esteve efetivamente engajada no projeto Mace; e que, ao longo dos anos, assumiu relevantes cargos, culminando com a diretoria-geral da escola.

Com 308 páginas, o livro é emoldurado em 16 envolventes capítulos: 1. Uma aposta que deu certo; 2. Em busca de oportunidades; 3. De volta à terra prometida; 4. Os três irmãos da matemática; 5. Fundação da Mace; 6. Construção da sede própria; 7. A morte de Plínio Mendes; 8. O projeto Mace tinha que continuar; 9. A Mace e o esporte; 10. A Mace e a cultura; 11. A Mace e a comunidade; 12. Expansão da Mace no estado; 13. Sucessão da Mace; 14. Mace: base para a criação do Cesup e da Uniderp; 15. Uniderp: um presente para MS; e 16. Depoimentos de alu-

“

(...) este livro passou-me a impressão de que ele próprio já seria um belo filme, prestes a ser projetado no âmago da sensibilidade de cada leitor, ou espectador (...).”

nos, professores e colaboradores da Mace.

Evidentemente que, pela exiguidade deste espaço e o propósito do ensaio, não me alongarei aqui em detalhes contidos nos tópicos supracitados – deixarei estas surpresas e descobertas para os leitores e leitoras de “Mace: um legado para a Educação de Mato Grosso do Sul – 50 Anos de História”, que assim descortinarão, de per si, as aprazíveis narrativas dos autores. Como bem afirma Reni, em trecho da obra: “A Mace nasceu e cresceu ofertando educação de qualidade”. E ela diz mais: “... fico muito orgulhosa quando encontro alunos ou seus pais e eles fazem questão de agradecer pelo trabalho feito pela educação de Campo Grande e outras cidades do estado”.

Por sinal, como mencionado acima, eu sou um desses pais – e, grato, eternizo na memória e no coração a trajetória educacional dos meus dois filhos, que ainda na educação infantil foram matriculados na Mace, onde, em formação continuada, cursaram todas as etapas de ensino e em seguida, aprovados para o curso de Direito da Uniderp (Uniderp-Anhangüera), concluíram nesta a graduação superior que, logo depois, embasou as suas respectivas aprovações em dois concursos públicos, o que de certa forma também demonstra a eficiência do ensino timbrado com o padrão de qualidade Mace/Uniderp.

Viva, Mace!... 50 anos de História e um impercível legado para a Educação de Mato Grosso do Sul.

POESIAS

LIRISMO CRÔNICO

Querem me internar.
Dizem que estou doente
que não vejo a realidade
e tenho ideias transversais.
Dizem que há muito tempo
andando falando com as nuvens
vendo rastros de borboletas
ouvindo o cair da tarde
e sentindo cheiro de brisa
dentro de latas furadas.

Eu os entendo.
Não sabem que sou poeta
que vejo o que eles não veem
sinto o que eles não sentem
que navego nas metáforas
e me visto de auroras
para poder viver.

Eu os perdoou
porque não sabem
que me alimento de palavras
e me sacio de silêncios.
Que preciso de poesia
para não adoecer
e a realidade que canto
é aquela que eu invento.

Ah, eles não sabem.
Pensam que vão me curar.
Que pena, estão confusos!
Nem imaginam
que sinto lirismo crônico
e para poesia
não há remédio
nem parafuso.

Ileides Muller – membro efetivo da ASL

Ansiedade

Quando eu for para longe...
Quando puder navegar pelos mares tão mansos e azuis,
Quando eu puder voar pela amplidão dos céus,
Sem rumo, ao léu, ao vogar das correntes sussurrantes,
ou ao estrépito da tempestade bravia...

Como serei feliz!
Como serei feliz
em poder libertar-me,
Romper os laços destas correntes que me prendem,
me tolhem, me seguram com vigor...

Poder partir, sem lembranças,
Sem ninguém, a ninguém ver,
Caminhar sem destino
Vendo apenas a natureza,
Que beleza!

Quando eu puder libertar ao menos o pensamento
Para ter o coração tão livre como o vento.
Aí, eu viverei
Eu serei feliz
Porque nada terei, nem serei
O peso de todas as coisas vãs,
Que me tolhem, me prendem, me acorrentam
fazendo-me sentir a minha vida inteira
o verme que sou, vegetando na poeira!...

Henedina Hugo Rodrigues – pertenceu à ASL

uni

esteja aqui
poro a poro
mente a mente
corpo a corpo
poro mente corpo
unívocos

Henrique Alberto de Medeiros Filho
– Presidente da ASL

O BOATEIRO

Adair José de Aguiar – poeta/
cronista, pertenceu à ASL

Boateiro é aquele (ou aquela) que vive espalhando boatos. Mestre Aurélio Buarque de Holanda registra: “boato, do lat. *boatu*, mugido ou berro de boi. Notícia anônima que corre publicamente sem confirmação; boatice, atoarda, balela, falaço, ruído, rumor, voz, zum-zum, zunzuzum-zum e (angol.) mugimbo”.

E que há pessoas com incorrigível tendência à boataria, não padece dúvidas. No Brasil, o boato já inspirou samba: “Todo Boato Tem um Fundo de Verdade”, sendo que não é de hoje que o boato existe, onde são veiculadas notícias, às vezes, disparatadas, a respeito de medidas governamentais, câmbio, bolsas de valores e outras.

O caso é que, na expectativa e insegurança em que vive a sociedade moderna, a inclinação para espalhar boatos e crer neles tem aumentado e boateiros e boataria estão vivendo sua época de ouro.

Pois um desses amigos do dizque-

dizque divulgara, aos quatro-ventos, notícias de muita responsabilidade, envolvendo autoridades militares.

Conta-se, então, que o comandante da Unidade mandou prender o falador e conduzi-lo à sua presença. Querendo dar-lhe uma lição exemplar que servisse de escarmento, foi julgado com rigor e condenado à morte por fuzilamento. No outro dia cedo, para executar a sentença, o condenado foi encostado ao paredão, formou-se o pelotão, o oficial-de-dia mandou preparar, apontar e atirar: uma descarga só.

O prisioneiro continuou de pé. Tiraram-lhe a venda, ele arregalou os olhos, estava vivo. O comandante explicou-lhe que eram balas de festim, mas que na próxima ia ter bala de verdade, que se cuidasse, portanto. Mandou expulsá-lo para fora do quartel.

Assustado, saiu correndo, parou o primeiro táxi. O taxista perguntou-lhe se estava doente, pois estava amarelo. E ele: “Escute aqui, está acontecendo uma coisa terrível, o Exército esta sem munição!”.

ANGÚSTIA

Nelly Martins – escritora/
cronista, foi membro da
ASL

Angústia, ansiedade, aflição,
tormento.

“O nada absoluto sobre o qual se configura a existência”.

A vida, página lida, vivida,
esquecida. Hora querida, sofrida,
lenta ou corrida, sim ou não.

Relógio que bate pancadas firmes e mansas, fala compassado, caminha ritmado, indiferente, insensível, sofre não.

Coração que pulsa é diferente. Vai firme aqui, lá na frente fraqueja, quase pára e de repente acelera, palpitação. Segue o ritmo que o corpo imprime no riso puro ou de moníaco, na dor silenciosa ou gritante.

Respira-se desassossegado,

reprime-se gemido.

Respira-se fundo na procura de ar puro para a alma em suspenso.

É a angústia consumindo a gente. Sorrateira, silenciosa, inimiga da razão, luz e sol.

Angústia que chega com a noite. Que escorre e se esparra dentro do peito sufocado. Dentro do corpo sombreado e frio.

Longe dos cantos que andam no ar cheirando as flores.

Longe do equilíbrio e bom senso.

Longe das forças que levam à dignificação da vida e à valorização do homem.

Angústia que se vai com o feitiço da música que traz o amanhecer.

Com a valsa da manhã dourada, seguida do silêncio da paz.

Com o ar fresco, a luz, o sol.